

INSTITUTO POLITÉCNICO DE LISBOA  
ESCOLA SUPERIOR DE TEATRO E CINEMA



## **COMUNINECOS**

TRABALHO DE PROJETO

MESTRADO EM TEATRO - ESPECIALIZAÇÃO EM TEATRO E COMUNIDADE

**João Miguel Freire de Almeida Carneiro**

Amadora, Dezembro de 2023

INSTITUTO POLITÉCNICO DE LISBOA  
ESCOLA SUPERIOR DE TEATRO E CINEMA



# **COMUNINECOS**

**João Miguel Freire de Almeida Carneiro**

TRABALHO DE PROJETO SUBMETIDO À ESCOLA SUPERIOR DE TEATRO E  
CINEMA PARA CUMPRIMENTO DOS REQUISITOS NECESSÁRIOS À  
OBTENÇÃO DO GRAU DE MESTRE EM TEATRO - ESPECIALIZAÇÃO EM  
TEATRO E COMUNIDADE, REALIZADO SOB A ORIENTAÇÃO CIENTÍFICA DE  
RITA WENGOROVIVUS, ESPECIALISTA EM TEATRO E COMUNIDADE.

Amadora, Dezembro de 2023



## **DEDICATÓRIA**

Ao meu pai.

Às mulheres da minha vida.

Aos amigos e muito em particular aos outros.

Aos colegas de profissão que aturam constantemente e permanentemente o meu mau feitio.

A vós que fazeis o favor de perder o vosso precioso tempo com estas minhas notas que não sendo musicais espero que vos façam bailar.

Ao Ben-u-ron porque sem ele nada feito.

## **AGRADECIMENTOS**

A intervenção artística, cívica e cultural a que se refere este texto só foi possível graças à entidade acolhedora e facilitadora OLHO.te - Associação Artística de Solidariedade Social e aos seus associados: Cristina Silva; Elizabete Andrade; Hugo Andrade; José Camacho e Óscar. Obrigado.

À comunidade do Bairro da Nazaré que se envolveu e empenhou militantemente no processo para que o COMUNINECOS saísse à rua com todo o esmero e elegância que foi possível constatar. Obrigado.

Aos professores e colegas de curso que fizeram o favor de aturar as minhas barbaridades. Para que não o possam negar, aqui ficam as suas graças.

Professores: Armando Nascimento Rosa; Cláudia Andrade; David Antunes; Luísa Monteiro; Rita Wengorovius e Stephan Ferdinand Jürgens.

Colegas: Afonso Sousa; Letícia Astolfi; Letícia Pinheiro; Maria João Vieira; Marta Silva; Pedro Bleck da Silva e Tiago Martins Correia. Obrigado.

## **RESUMO**

Este relatório de projeto tem por finalidade fazer uma reflexão sobre os processos formativos, laboratoriais, artísticos e criativos que levaram à construção de esculturas em arame e pasta de papel, conhecidas popularmente por cabeçudos e à organização de um desfile de índole popular com a comunidade do Bairro da Nazaré, freguesia de São Martinho, cidade do Funchal, Região Autónoma da Madeira.

O processo desenvolvido teve como entidade acolhedora a associação OLHO.te que facilitou o encontro doutras possibilidades de diálogo entre várias entidades culturais, sociais e políticas, entre o património cultural material e imaterial, entre a formação artística e as boas práticas cidadãs.

**Palavras-chave:** Comunidade; Laboratório; Obra de Arte; Celebração; Património Cultural Material e Imaterial.

## **ABSTRACT**

This article aims to reflect on the training, laboratory, artistic and creative processes that led to the construction of sculptures in wire and paper pulp (commonly known as “cabeçudos”) and the organization of a popular parade, with the neighborhood community of Nazaré, parish of São Martinho, city of Funchal, Autonomous Region of Madeira.

The whole process was hosted by the OLHO.te association, which allowed several possibilities for dialogue between various cultural, social and political entities, between material and immaterial cultural heritage, between artistic training and good civic practices.

**Keywords:** Community; Laboratory; Work of art; Celebration; Tangible and Intangible Cultural Heritage.

## ÍNDICE

01 - Teatro e comunidade. Uma visão...	06
02 - Dos cabeçudos em Portugal.	09
03 - Dos cabeçudos pelo mundo.	11
04 - Da construção dos Cabeçudos.	12
05 - A visita do Hugo Andrade.	14
06 - OLHO.te! OLHAS.me? OLHAMOS.nos? ..	14
07 – COMUNINECOS. Projeto comunidade e bonecos.	16
08 – Descrição do projeto – Diário de bordo...	17
09 – Trabalho em rede.	19
10 – Comunidade do Bairro da Nazaré – Funchal....	19
11 – Parceiros do projeto COMUNINECOS...	22
12 – Outros apoios.	24
13 - O dia-a-dia.	25
14 - A grande opção.	26
15 - Oficinescos – Um laboratório em rede. Oficinas artísticas e comunitárias. ...	27
16 - A interrupção, programada e calculada. Estratégias aplicadas. ...	30
17 - De regresso ao Funchal.	33
18 – Ensaios, testes e afinações finais...	36
19 – Apresentação final – Desfile dos Cabeçudos – COMUNINECOS. ...	37
20 - O Eduardo.	37
21 - Orçamento.	38
22 - Conclusão.	39

## ÍNDICE DE IMAGENS.

Imagem 1 - Brasil - Boi Faceiro faz a festa dos foliões no tradicional carnaval de rua de São Caetano de Odivelas (Pimentel; 2020. O Liberal). ... ..	11
Imagem 2 - Angola - 1 de Setembro. Dia de celebração para o povo Tchokwe. (Euclides; 2023. Rádio Ngolo). ... ..	11
Imagem 3 - China - Festival da Primavera no distrito de Zhifu, cidade de Yantai, província de Shandong, leste da China. (Wentan; 2022. Guangming Daily). ... ..	11
Imagem 4 - Cabeçudo para crianças em construção. (imagem do autor; 2023, Funchal).	13
Imagem 5 – Cabeçudos em pinturas. (imagem do autor; 2023, Funchal)...	13
Imagem 6 - Cabeçudos em fase avançada de pinturas e outros acabamentos. (imagem do autor; 2023, Funchal). ... ..	13
Imagem 7 - João Carneiro e Hugo Andrade (Andrade, 2023, Funchal). ... ..	19
Imagem 8 - O primeiro a ficar pronto. (imagem do autor; 2023, Funchal). ... ..	30
Imagem 9 - Os últimos testes deste cabeçudo. (imagem do autor; 2023, Funchal). ... ..	34
Imagem 10 - Antes do desfile (imagem do autor; 2023, Funchal). ... ..	36
Imagem 11 - Antes do desfile (imagem do autor; 2023, Funchal). ... ..	36
Imagem 12 - Antes do desfile (imagem do autor; 2023, Funchal). ... ..	36
Imagem 13 - Antes do desfile (imagem do autor; 2023, Funchal). ... ..	36
Imagem 14 - Antes do desfile (imagem do autor; 2023, Funchal). ... ..	36
Imagem 15 - Eduardo com a concertina (imagem do autor; 2023, Funchal). ... ..	37
Imagem 16 – Cartaz (Ryan; 2023, Funchal). ... ..	42

“A marioneta não tem vida em si - ela espera que o marionetista lhe dê vida emprestando-lhe voz e movimento” (McCormick, 2002, p.19).

## **01 – TEATRO E COMUNIDADE. UMA VISÃO.**

O boneco visto no espetáculo transforma-se de ser passivo, dependente, obediente às nossas mãos, numa criatura de vida própria e atuante, porque, em nossa condição de espectadores, colocamo-nos em face do inesperado. Toda arte é uma surpresa.

Sempre detestei os bonecos disciplinados dos Podreca; por exemplo, as marionetes de fio que tentavam imitar o ator de carne e osso, uma contrafação, portanto, do homem. Em troca, os bonecos de luva - arbitrários, anti-realistas, poéticos - deleitavam-me. (Filho, 1966, p. XIII)

O teatro e as suas diferentes práticas têm sido utilizados como uma poderosa ferramenta para envolver e capacitar comunidades em diferentes contextos. O teatro comunitário por exemplo, é uma forma de teatro que é criada e apresentada por membros de uma comunidade específica, abordando as questões e problemas que lhes são queridos, importantes, que fazem parte da sua vida. Esta prática promove a participação ativa dos seus membros, permitindo que se expressem através desta arte onde podemos e devemos envolver todas as outras, ao compartilharem as suas histórias, experiências, desejos. É esta a grande diferença entre o teatro que é feito pela comunidade, com ou para a comunidade. É que no teatro comunitário é a comunidade que partilha e decide as histórias que quer e como quer contar. São os elementos da comunidade que vão ser os intérpretes, o coro, os músicos, etc. Também serão eles os luminotécnicos, os cenógrafos, os carpinteiros, os aderecistas. Claro está que a bilheteira, a frente de sala, o bar e a grande festarola que vai acontecer no fim de cada espetáculo, também será da responsabilidade da comunidade. Tudo será feito por todos. É um trabalho da comunidade, para a comunidade e para todos os que quiserem fazer parte. Como a comunidade é formada por indivíduos, é aqui que se encontra o cerne da questão. Logo é aqui que devemos intervir. Devemos facilitar a discussão esclarecida que provoque o consenso, para além de promover os grupos de afinidades artísticas e criativas para que possam desenvolver os seus projetos sozinhos ou em parceria.

Sabemos e os políticos também, da importância da promoção das artes e dos seus resultados junto das comunidades, logo junto dos indivíduos. Acontece que eles têm terror, fogem. Nós, conscientes, adoramos. É que isto de promover o lado crítico, as boas práticas cidadãs, a consciência política, o dar voz às comunidades, ainda aborrece muita gente.

O teatro comunitário tem o potencial de ser um instrumento para a transformação social, através da criação e representação de peças de teatro que abordem questões que lhes sejam queridas. As comunidades podem, devem promover a consciencialização pública e estimular o debate sobre estas questões. Falo na preservação dos usos e costumes, logo na tomada de consciência da identidade coletiva e individual. No conhecimento e defesa dos territórios. Na promoção e descoberta de outros ofícios. Nas fantásticas e únicas parcerias que se vão estabelecendo cada vez mais entre os métodos artesanais e os digitais. Nas boas relações entre vizinhos. E mais um rol de coisas absolutamente fundamentais, indispensáveis e que não tem fim. Tudo isto está confirmado em milhares de calhamaços académicos e atestado por centenas de milhares de outros estudos científicos.

Mas se é aqui que devemos intervir, temos que saber como. O que devemos fazer e quais os objetivos a serem atingidos? O objetivo final será sempre a apresentação de um acto cénico. Isto é claro. Quando for atingido significa que todos os outros objetivos e são estes os que realmente importam, também foram alcançados e concluídos.

Relativamente ao processo, deveremos ter a postura tradicional de um diretor artístico ou de um encenador numa companhia de teatro profissional onde tudo é diferente? Não, pelo contrário. Antes de continuar quero repetir o que muita gente já disse, que todos os processos são diferentes. Os problemas que vão agitar um grupo vão ser divergentes dos que irão agitar um outro. Por isso mesmo é que não há um Pantagruel do teatro. A nossa postura deve ser a de *facilitador*. Dar os primeiros impulsos junto de uma autarquia ou empresa para que se criem condições para que o grupo possa trabalhar e o facilitador também, porque não vive do ar e esta é a sua profissão. Estabelecer contactos, criar dinâmicas, dar exemplos, criar compromissos, ajudar a definir metas. Promover a pintura, a escultura, a música, a fotografia, a dança, tudo! E descentralizar, descentralizar, descentralizar. Claro que tem que ser um processo evolutivo com cada vez menos dependência do facilitador que ao fim de dois, três trabalhos, deve estar em condições de *abandonar* aquela estrutura e continuar com outra que entretanto tenha iniciado o seu percurso. Evidentemente este *abandonar* é figurativo. Sempre que possa deve continuar a acompanhar, a participar nas reuniões, a opinar, a criar laços com outros grupos. Mas aquele grupo já deve ter começado a fazer as suas opções artísticas, a formar encenadores que desenvolvam projetos, figurinistas e cenógrafos que apresentem propostas. Estes artistas, como todos os mais, devem ter espaço para o experimentalismo, onde possam aprofundar o seu conhecimento e criar sem limites.

As práticas do teatro comunitário onde todos os saberes e vontades são bem-vindos é de uma riqueza impossível de contabilizar. E o melhor é que os participantes depois de

capacitados e aptos a desenvolverem as diversas atividades, podem saltar para outros locais da comunidade e desenvolverem os mais variados projetos de acordo com as necessidades e interesses das pessoas envolvidas. Para que isto aconteça basta um indivíduo muito teimoso ou um pequeno grupo de afinidade que faça nascer uma ideia. E uma boa ideia pode ser mais contagiosa que o *deus te livre*, como dizia a minha avó materna. Estas práticas irão certamente ajudar a fortalecer os laços entre os indivíduos promovendo a solidariedade, o espírito de colaboração, de partilha.

Repelimos uma arte puramente gratuita, sem comunicação com a realidade, uma arte frívola, estéril, sem sangue e sem pensamento, covarde e indefinida diante dos abusos dos privilégios, da fria e cega vida contemporânea, do mundo dos privilegiados sem entranhas e das sanguinárias tiranias que fingem combatê-lo. Mas repelimos também a arte alistada, demagógica, que só quer ver um lado do problema do homem, uma arte deturpada e dirigida por motivos políticos, arte que agrega ao universo da obra o corpo estranho da tese, para fazer do espetáculo um libelo interessado (Filho; Suassuna, 1961).

Outra prática teatral que envolve a comunidade é o teatro de rua. É realizado em espaços públicos, como ruas, praças e jardins, com a intenção de alcançar um público mais amplo e diversificado. O teatro de rua muitas vezes incorpora elementos de protesto e ativismo, abordando questões sociais e políticas de forma impactante e direta. Outras vezes e com toda a legitimidade limita-se pura e simplesmente a promover o lado lúdico do espetáculo.

O teatro comunitário também tem sido utilizado como uma ferramenta terapêutica em várias comunidades. O teatro terapêutico utiliza técnicas teatrais para ajudar as pessoas a explorarem e expressarem suas emoções e experiências pessoais, promovendo a cura e o crescimento pessoal. Esta prática tem sido particularmente útil no trabalho com grupos marginalizados, como vítimas de abuso, refugiados, pessoas com doenças mentais ou sozinhas e teve resultados ótimos durante o marcante e muito triste período pandémico que ainda vive na memória de todos.

O envolvimento da comunidade nestes processos criativos fortalece o espírito coletivo e promove a coesão social. Estas manifestações artísticas são um ponto de encontro onde pessoas de diferentes idades e origens podem unir-se em torno de objetivos comuns, como a preservação e valorização da cultura e a história da comunidade. A participação ativa nos

processos criativos e artísticos permite que cada indivíduo se sinta parte integrante do projeto e faça parte da construção da identidade local.

Além disso, estas práticas comunitárias também podem ter um impacto significativo na economia local. As festas e eventos promovidos pelas comunidades atraem turistas e visitantes, o que anima a localidade e gera rendimentos para a comunidade artística e comercial.

Posso então concluir que o teatro comunitário e as diferentes formas de o pensarmos, fazermos, aplicarmos, têm um potencial significativo no estímulo e capacitação das comunidades nas mais variadas áreas.

## **02 – DOS CABEÇUDOS EM PORTUGAL.**

Foi aliás nessa terra dos Arcebispos que ouvi também uma curiosa interpretação da sua figuração, não isenta de lógica: se na Catedral de Santiago de Compostela as personagens agigantadas aludiam à grandeza dos Reis Católicos Fernando e Isabel, poderiam os Cabeçudos incarnar os bobos que em todas as cortes do tempo faziam parte de cada séquito; criaturas geralmente disformes, anões e anãs, cuja função era divertir os presentes. (Vasconcelos, 1980, p. 181)

Os Cabeçudos são estruturas cranianas, criadas a partir do reaproveitamento de materiais usados que ao serem revestidas, decoradas e tomadas pela imaginação e criatividade do animal humano, rapidamente tomam a forma de cabeças exageradamente grandes e disformes.

Estas cabeças que muitas vezes são vozes da crítica popular, completam corpos humanos de estatura normal. Habitualmente fazem-se acompanhar pelos não menos conhecidos Gigantones e sempre que podem procuram a companhia de grupos de gaiteiros, caixas e bombos, conhecidos por Zés-Pereira. São estas trupes que ao tocarem e dançarem desenfreadamente anunciam as novidades em visitas às comunidades ou em desfiles organizados que chegam a reunir centenas destas criaturas.

Consta que foi há cerca de cem anos que um administrador do Concelho de Viana do Castelo, Luís Valença, decidiu apresentar em romarias minhotas os primeiros Gigantones, que todo o povo festejou com entusiasmo, - depois de os ter visto em Santiago de Compostela, a dançarem na catedral, frente ao túmulo do Apóstolo, no

dia de sua festa. Ritmava a dança um grupo de tamborileiros galegos. (Vasconcelos, 1980, p. 177)

Objetos cénicos de grandes dimensões são parte importante do imaginário coletivo. Transportam consigo uma boa parcela das nossas tradições comunitárias, de marcas territoriais, de micro e macro comunidades, de oralidade. Viajam frequentemente e podemos encontrá-los em visitas a romarias, arraiais e noutros eventos de cariz popular e etnográfico. Marcam incontáveis presenças todos os anos nos locais esperados, mas também nos mais inusitados e aparentemente descontextualizados. Exemplo disto foi a permanência durante cinco anos consecutivos dos Cabeçudos e dos Gigantones da Vicentatro que receberam e que bem receberam, os milhares de visitantes nacionais e internacionais do Festival MED, em Loulé. Diz o festival na sua página: *O MED é um festival de World Music que se afirma como uma referência europeia, com um conceito diferenciador e uma forte identidade que lhe permitiu alcançar elevados níveis de notoriedade internacional.* Será esta também uma forma de internacionalizar a nossa cultura. Mas também o FIG - Festival Internacional de Gigantes que acontece anualmente em Pinhal Novo, concelho de Palmela e que realizou a 12ª edição em Julho de 2023. Ou ainda, o Cortejo Internacional de Gigantes e Cabeçudos que acontece anualmente em Braga e teve a sua 32ª edição em Junho de 2023.

Em Agosto de 2023, no Funchal, como já sabeis, após um intenso período de trabalho nasceu uma nova comunidade de dezanove cabeçudos adultos e de oito juvenis. No total são vinte e sete novas cabeças de grandes dimensões.

O teatro popular é uma forma de teatro onde se incluem estas formas animadas de grandes dimensões, que nasceu a partir das manifestações culturais e populares de uma região ou comunidade. Geralmente é realizado de forma coletiva com a participação de diferentes setores da sociedade. Busca representar questões e temas relevantes para aquela comunidade. Embora muitas vezes resulte de uma iniciativa, sem que seja possível encontrar uma justificação que não seja o acontecer porque acontece.

Os cabeçudos e gigantones são figuras características de algumas festas populares, como as festas de São João, por exemplo. São personagens e bonecos gigantes, que desfilam pelas ruas durante os festejos, animando e envolvendo o público. Geralmente, cada cabeçudo ou gigantone representa um personagem ou figura histórica importante para a cultura local.

Ambas as formas de expressão têm em comum o fato de serem elementos de cultura popular, que celebram as tradições e a identidade de uma comunidade. No entanto, enquanto o teatro popular costuma apresentar textos e narrativas mais elaboradas, com roteiros e

encenações complexas, os cabeçudos e gigantones representam de forma mais visual e lúdica, o imaginário coletivo de personagens e símbolos.

### 03 – DOS CABEÇUDOS PELO MUNDO.

Podemos encontrar Cabeçudos num grande número de países onde assumem vários papéis. Possuem diferentes valores sociais e religiosos para além de existirem muitas variantes na sua construção. Um exemplo disto acontece no Brasil, nas festas juninas, que contam com a presença dos *grupos de bois de máscara*. As cabeças são enormes, prolongando-se pelo corpo do manipulador. As mãos e os braços falsos nascem a meio destas cabeças, prolongando e aumentando substancialmente as deformações daqueles corpos. Em Angola, o povo Cokwe, surpreende-nos com os seus Mikixes detentores de cabeças fantásticas cheias de imaginação e que refletem os medos, os receios, os desejos e a partilha. Nas várias tarefas procedem como mensageiros nas comemorações onde são celebradas a puberdade masculina e feminina. Também desenvolvem um ritual específico para assistir as famílias reais já falecidas, numa enigmática hierarquia determinada por uma sociedade mágica e feiticeira. A China continua a surpreender-nos com os seus dragões e outras personagens fantásticas de grandes dimensões, capazes de acrobacias surpreendentes e manipuladas muitas vezes por duas ou mais pessoas.

Noutro contexto, o da guerra, não nos poderemos esquecer dos chapéus de enormes formatos que eram usados pelos soldados dos exércitos antigos. Tinham a função de impressionar o inimigo dando a sensação de serem muito maiores, mais fortes, mais poderosos. Hoje ainda podemos observar esta brincadeira militar nos soldados da Guarda Real Britânica e em desfiles ou recriações históricas. Assim podemos ficar com a ideia de que estes elementos artísticos, de acordo com a cultura de cada povo, podem ter formatos e intenções diferentes ao assumirem atitudes lúdicas, críticas, religiosas e até bélicas.

Estes exemplos não passam disso mesmo, exemplos. Onde tento mostrar algumas das suas possíveis utilizações. A quantidade que podia apresentar seria tão longa e tão variada que não caberia neste trabalho.



Imagem 1



Imagem 2



Imagem 3

Não é muito antiga, no país, a comparência delas nas Festas. É muito antiga, em compensação, a comparência de personagens gigantescas e grotescas no mundo, desde as eras mais remotas e nas mais remotas paragens. Num interessante estudo publicado em 1968 pelo professor Arnaldo Roseira, que aprofundou o assunto, cita ele a notícia de um «Gigante de Cortejo». Já, na, velhíssima cidade de Nysa, 280 anos antes da nossa era, e que há menções de outros em pelo menos quatro dos cinco continentes do globo que habitamos... Diz-nos ainda que o primeiro que surge na Europa, que se saiba, é o de Antuérpia, na Bélgica, em 1389.  
(Vasconcelos, 1980, p. 174)

#### **04 – DA CONSTRUÇÃO DOS CABEÇUDOS.**

“A ciência descreve as coisas como são; a arte, como são sentidas, como se sente que são. O essencial na arte é exprimir; o que se exprime não tem importância.” (Pessoa, 2001)

Os que por cá se fazem são tradicionalmente construídos a partir de uma estrutura em verga, revestida a pasta de papel e pintados com cores alegres e brilhantes. Para os tornar mais resistentes a verga é muitas vezes substituída por madeira ou arame.

Os Cabeçudos que resultaram do projeto \*COMUNINECOS apresentaram algumas inovações técnicas. A sua estrutura foi erigida com arame de 6mm, o que permitiu que fosse toda soldada, tornando-a muito resistente, logo dando-lhe um período de vida bastante longo. Assim em atividades vindouras a OLHO.te, facilmente pode alterar o aspeto de cada cabeça ao modificar os olhos ou o nariz com uma ligeira operação plástica ou simplesmente pintando-as com novas cores. Ficando assim com bonecos renovados e prontos a realizar a sua nova função. Foram prolongados o peito e as costas, o que dá grande estabilidade á cabeça e conforto ao manipulador ao permitir que fique com os membros superiores livres e assim possa interagir livremente com tudo o que o rodeia. Os ombros foram ampliados, ajudando a acentuar as deformações físicas pretendidas, sendo também são um importante suporte do guarda-roupa. No cimo da cabeça foi deixada uma abertura circular com 20cm de diâmetro para facilitar o arejamento do seu interior. Fundamental para a respiração do manipulador e para evitar o aumento excessivo da temperatura em particular, quando o desfile acontece em dias soalheiros. O Guarda-roupa é formado por duas peças. Uma das peças, saia ou calça, é de tamanho e formato perfeitamente normal embora possa ter a decoração mais variada. A outra, uma camisa enorme. Feita a partir de lençóis e outros tecidos doados pela comunidade e pensada para ser vestida por cima dos ombros dos cabeçudos.

**\*COMUNINECOS: Comunidade e bonecos. Proposta de criação de um projeto com e pela comunidade.**

A aprendizagem é um processo cultural que envolve muito mais que a dimensão intelectual do indivíduo; aprende-se o que toca o coração, o corpo, o espírito, o raciocínio. Dessa maneira, o ato de aprender é um processo não linear, complexo, multifacetado, dinâmico, que não tem fim e que é único para cada ser que o vivencia. (Rocha, 2011, p. 39)

Claro que as crianças foram das mais empenhadas neste processo onde o papel e a cola tiveram uma posição de relevo. Para elas e por elas, foram construídos cabeçudos adaptados às suas idades. Na sua construção só foi utilizado pasta de papel, sem arames ou outro material que as pudesse aleijar. Aqui a resistente estrutura em arame que nos outros cabeçudos deu forma e suporte ao trabalho plástico, foi substituída por bolas insufláveis, daquelas que usamos para jogar na praia. Depois de estarem cheias de ar, foram coladas a latas de tintas vazias. Se olharmos para esta colagem podemos observar um globo, que será a cabeça e um cilindro, o pescoço. De seguida foi embrulhada em película aderente, daquela que usamos nas nossas cozinhas e que aqui funcionou como desenformante. Extremamente fáceis de serem colocados ou retirados, mantêm descoberta a cara dos manipuladores e não prendem os movimentos, permitido a execução das coreografias ensaiadas e principalmente as não ensaiadas, as espontâneas, que como todos sabemos são as melhores, em particular quando vindas dos mais pequenos.

Os “Cabeçudos” e “Gigantones” são figuras disformes que, ao longo do tempo, foram fixando determinados tipos sociais estereotipados. Tomam parte de um imaginário ancestral e assumem a bizzarria, o excesso e o politicamente incorreto como atributos, inscrevendo-se, com outros bens simbólicos que acompanham os festejos na cultura popular, na categoria de património cultural imaterial (UNESCO, 2003). (Antunes; Dias. 2015. P 3)



Imagem 4



Imagem 5



Imagem 6

## **05 - A VISITA DO HUGO ANDRADE.**

“Só a Arte é útil. Crenças, exércitos, impérios, atitudes - tudo isso passa. Só a arte fica, por isso só a arte vê-se, porque dura” (Pessoa, 1996).

Um dia, decorria o ano letivo de 2021/22, recebemos a visita de um antigo mestrando deste curso, hoje Mestre Hugo Andrade, na aula de Teatro e Comunidade da professora Rita Wengorovius. Falou-nos do seu percurso e apresentou-nos a Associação OLHO.te, criada após ter terminado o curso e conseqüentemente ter regressado definitivamente ao Funchal, sua terra Natal.

Nessa altura fiquei com a ideia de que esta associação desenvolvia um trabalho muito interessante e naturalmente com linhas de trabalho plenas de conhecimento e prática de quem cursou este mestrado. Seria uma entidade a ter em conta. Fiquei atento.

“Uma associação sem fins lucrativos é um dos modelos de organização que cada vez mais tem tido impacto em Portugal. As mesmas não detêm qualquer tipo de lucro e podem ter modelos de gestão diferentes de acordo com as especificidades de cada uma” (Santos, 2020).

## **06 - OLHO.te! OLHAS.me? OLHAMOS.nos?**

Como revelado pelo Hugo, agarrei num mapa do Funchal, ampliei a zona referente á Nazaré e zás! Encontrei. Lá estava o olho enorme formado pelos prédios do bairro e que deu origem ao nome da associação. Esta descoberta aconteceu quando um amigo da associação fotografou o bairro com a ajuda de um drone. Lá está, mais uma vez podemos confirmar a utilidade e os benefícios das novas tecnologias ao serviço da cultura e da paz. Ao contrário dos exemplos que nos são mostrados constantemente destes aparelhos equipados com armas potentíssimas ao serviço das guerras.

Fiz umas quantas pesquisas na internet sobre a OLHO.te. Verifiquei as suas práticas, as pessoas que envolve, o que produz. Percebi que através das artes consegue chegar e mais importante, trabalhar e criar com uma comunidade com vários problemas sociais. Que agita a Nazaré (bairro) quando envolve os seus habitantes com propostas inovadoras que potencializam o bom entendimento, logo a boa vizinhança. Mas também provoca a discussão na procura do consenso, como é o caso do projeto Luz ao Fundo do Túnel. Este projeto pretendeu e conseguiu recuperar logradouros públicos, que neste caso eram constituídos

maioritariamente por tuneis que permitem a passagem sob os prédios e que ligam várias praças e jardins. Estes locais na sua maioria encontravam-se muito degradados, sem iluminação pública, sem qualquer higienização e lamentavelmente serviam de salas de chuto, com tudo de negativo que estas situações trazem para os próprios e para a comunidade.

As associações sem fins lucrativos, são organizações que não estão associadas a qualquer tipo de acumulação de capital para quem as constituiu. Esta caracteriza-se por reunir um conjunto de pessoas em favor de um bem comum, no sentido de caminharem juntos pelo bem-estar a nível social, político, cultural, filantrópico, serviços coletivos ou processos produtivos. Assim, qualquer conjunto de pessoas que tenha os mesmos interesses pode dar origem a uma associação. Podem ser pessoas com a mesma profissão ou até mesmo um grupo de moradores de forma a que esta seja representada publicamente. (Santos, 2020)

A OLHO.te conseguiu o apoio de várias entidades para o restabelecimento da iluminação pública e higienização do espaço. Ao mesmo tempo desenvolveu outros esforços e conseguiu reunir condições para levar á Nazaré vários artistas plásticos de arte urbana que em sintonia com a população e até com a sua participação, pensaram e criaram painéis fantásticos de grandes dimensões naquelas paredes. Também os Corações à Janela que ainda se mantêm no exterior de grande parte dos prédios do bairro, pendurados em muitas das árvores e noutros locais mais ou menos prováveis, foram e continuam a ser, pois ainda estão presentes, uma prova de empenho e de solidariedade entre pessoas. Uma procura da comunidade encontrar soluções para os seus problemas e que se hoje não são poucos, imaginem durante os períodos mais marcantes da pandemia quando as pessoas estavam isoladas do mundo, dos vizinhos, das famílias. Esta ação estimulou o que as pessoas têm de melhor numa das ocasiões mais dramáticas da nossa existência. Os vizinhos preocuparam-se, ajudaram-se, aprenderam a cuidar uns dos outros. Que bom quando assim é. Nestes processos variados a OLHO.te não andou a pintar tuneis, nem a entrar casa dentro dos vizinhos para pendurar corações nas janelas. Não era isso que lhe competia. A OLHO.te facilitou, era e continua a ser este o seu papel. Arranjou tintas e pinceis, cartolinas e tesouras. Falou com os vizinhos e pediu que eles também se empenhassem um bocadinho. Agora meus amigos, quando muitos vizinhos se empenham um bocadinho, no fim da empreitada dão um bocadão. E quem é que ganha com estas iniciativas? A comunidade. Por estas razões ainda hoje há, como já referi anteriormente, imensos e imensos não é nenhum exagero, corações pendurados em janelas e em árvores. Os tuneis continuam limpos, iluminados e lindos com aquelas obras de arte variadas que contam

as histórias, nem sempre alegres, mas verdadeiras do bairro. Se isto tudo é fantástico e importante, digam-me lá o que acham quando os mais jovens também pegaram em pinceis e sprays e de acordo com os artistas convidados deixaram a sua marca ao participarem ativamente? É tão bom saber que aquela pintinha foi feita pela Maria e que o outro risco foi obra do Zé. Mesmo que não se saiba quem é a Maria ou o Zé, porque isso realmente não interessa nada. É tão bom observar estas experiências de descobertas sensoriais e artísticas que muitas vezes, não tantas como as desejadas, resultam em futuros percursos artísticos, umas vezes académicos, outras autodidatas, mas sempre cheios de trabalho e de pesquisa. Isto seguramente, porque sem trabalho e pesquisa não há artista que resista por falta de suporte, de conhecimento.

“Onde não há vínculo amoroso, não há aprendizagem.” (Pacheco, 2019, 10:33m)

## **07 – COMUNINECOS. PROJETO COMUNIDADE E BONECOS.**

Chegada a altura que me pareceu adequada entrei em contacto com o Hugo e apresentei-lhe a minha proposta de projeto de mestrado. A proposta pretendia desenvolver uma serie de processos e práticas artísticas com a participação e empenho da comunidade. Durante este processo criativo e artístico seria a comunidade a imaginar, a criar, a construir um grupo de cabeçudos. Isto quer dizer que os miúdos e graúdos iam ficar cheios de cola até á ponta dos cabelos. Que haveria camisolas e calças que nunca mais iriam ao almoço de família devido ás tintas, às queimadelas da solda e a outros desgastes causados pelo trabalho em permanente evolução. Porque aquele operariado rapidamente se iria tornar exigente e consciente, logo especializado. Consequentemente e como todos percebem, a vontade de pensar, de construir sempre o melhor possível passou a ser o mais importante. Claro que todos ficámos positivamente surpreendidos com aquelas cabeças muito mais belas e resistentes do que tínhamos imaginado. Só assim foi possível, como mais á frente será relatado pormenorizadamente, organizar um tresloucado, mas muito divertido desfile cheio de música, pulos e danças.

“‘Belo` – junto com ‘gracioso`, ‘bonito` ou ‘sublime`, ‘maravilhoso`, ‘soberbo` e expressões similares – é um adjetivo que usamos frequentemente para indicar algo que nos agrada” (Eco, 2004, p. 8).

Retomando o fio à meada. A seguir á apresentação da proposta, veio a resposta. Recebi um valente “adoro”. Coisa que achei muito bem.

Acertámos os pormenores por via telefónica e começamos a organizarmos-nos. Pouco tempo depois o Hugo veio a Lisboa. Encontramo-nos na ESTC - Escola Superior de Teatro e Cinema para assinarmos o Acordo de Desenvolvimento de Projeto Curricular. O presidente da escola, o Professor Doutor Emídio Buchinho não se encontrava no edifício. Por esta razão deixámos o documento na secretaria para que ele pudesse fazer o favor de o assinar, o que prontamente aconteceu. Pouco tempo depois chegou à Madeira e mostrou-se vital na aquisição de apoios que viabilizaram a minha presença durante um mês de trabalho no Funchal. É importante tomarmos consciência de que tudo teria dado muito menos trabalho, menos dores de cabeça, se a OLHO.te tivesse mostrado indisponibilidade para levar a cabo esta empresa. Não fazer nada, continua a ser muito mais simples, mas muito menos frutuoso. Se pensarmos nas necessidades básicas de quem vai e que passam pela alimentação, dormida e deslocações, verificamos as parcelas das despesas a aumentarem substancialmente e a sua soma pode atingir valores assustadores para entidades como são aquelas com quem costumamos trabalhar. Pequenas e pobres na conta bancária, mas gigantes em meios humanos e no coração.

Os Cabeçudos ancoram, teatralmente, entre poderes: no poder da máscara para criar uma dada personagem e nesse outro poder simbólico que é o de transportar o potencial crítico da comunidade a que dão rosto. Neste sentido, o Cabeçudo é tradição e, simultaneamente, “reinvenção da tradição”, na medida em que carrega as condições sociais que representa e o configuram. (Antunes & Dias, 2015)

## **08 – DESCRIÇÃO DO PROJETO – DIÁRIO DE BORDO**

A minha estadia no Funchal deveria ter sido composta por dois períodos de quinze dias. O primeiro de 2 a 17 de Julho e o segundo de 30 de Julho a 13 de Agosto. Total: 30 dias.

No dia 2 de Julho de 2023, domingo, dirigi-me ao aeroporto. O voo estava previsto para as 14h e 1:30h depois devia aterrar tranquilamente na Ilha da Madeira. Mas como diz o ditado popular e muito bem, *não devemos contar com o ovo no cu da galinha*. O certo é que as horas foram passando e de vez em quando recebia uma mensagem que me informava de que o voo tinha sofrido novo atraso. Finalmente perto das 23h chegou a mensagem derradeira. O voo tinha sido definitivamente cancelado e só poderia chegar ao Funchal na 4ª feira.

A companhia de aviação foi muito *simpática* e ofereceu-me alojamento num hotel. Mas como coisas para fazer não me faltam, recusei e lá fui dormir ao Bairro Alto. Subitamente tomei consciência de que ainda não saíra de Lisboa e já tinha perdido três dias de trabalho. Um número considerável, num total de quinze dias inicialmente previstos. No Bairro da Nazaré também houve alterações provocadas por este cancelamento. O planeado para estes dias teve que ser reagendado, reorganizado. As visitas de apresentação aos parceiros. Os primeiros encontros com a comunidade em geral e em particular com as crianças. A montagem da oficina. Tudo. Este tempo precioso teria que ser recuperado e foi.

Na quarta-feira, dia 5, o avião finalmente levantou voo pelas 18h em direção à Madeira, onde aterrou pelas 19:30h. No Aeroporto Cristiano Ronaldo, á minha espera estava o Hugo perto do Papa Móvel que se encontra ali em exposição. Esta viatura foi utilizada pelo Papa João Paulo II aquando da sua visita à Madeira a 12 de Maio de 1991. Confesso que desta é que eu não estava á espera. Vinte e dois anos depois do Papa ter visitado os católicos madeirenses ali estava aquela viatura á prova de bala que custou para cima de muitos euros e que tinha dado para fazer Comuninecos em todas as freguesias dos arquipélagos da Madeira e dos Açores, do continente e nas comunidades portuguesas espalhadas pelo mundo. Como uma empresa destas não poderia ser realizada apenas pela alma penada que escreve este texto, teria certamente dado trabalho e com *cachets* minimamente decentes a todos os colegas de curso que desejassem estar envolvidos. Lembro-me da polémica que na altura envolveu, não um, mas sim dois Papa Móveis. Um que foi enviado do Estado da Cidade do Vaticano, país com quem Portugal tem relações diplomáticas e que a diocese madeirense escondeu num armazém. O segundo, que foi o que o Papa utilizou e que é o que está no Aeroporto. Um UMM, de fabrico nacional, completamente branco e blindado, como são todos os Papa Moveis. As fotografias desta viatura facilmente podem ser encontradas na internet. Lá está, cada comunidade com os seus problemas. Relembro ainda as extraordinárias classificações que estas viaturas 4X4 obtiveram nas diversas edições do famoso rali Paris – Dakar, em que participaram.

Nas viagens do Papa, a regra geral é que o Papamóvel seja enviado do Vaticano para os locais a visitar, mas essa norma nem sempre tem sido aplicada.

Por isso, desde João Paulo II, os sucessivos Papas já utilizaram os mais diferentes tipos de viaturas, desde um pequeno Seat Panda em Espanha, a autocarros (Cidade do México), a um Ferrari Mondial (Maranello, Itália), a um camião Leyland (Inglaterra) e Ford (Irlanda), chegando mesmo a ser usado um camião militar FSC Star na visita que o Papa polaco fez ao seu país natal.

Em todos estes casos, a Secretaria de Estado do Vaticano comunica às autoridades locais os requisitos exigíveis à viatura, além das questões de segurança: ser de cor branca, ter o brasão do Vaticano e uma almofada com uma cor vermelha específica, além da matrícula SCV 1

Em Portugal, o Papa João Paulo II utilizou um Papamóvel de fabrico português: trata-se de um veículo todo-o-terreno da extinta marca UMM, de cor branca, usado em 1991 na deslocação à Madeira.

O veículo, que se encontra no Funchal, foi também utilizado para transportar, em 2009, a imagem da Virgem Peregrina de Fátima na visita à diocese.

(Francisco, 2017)

## 09 – TRABALHO EM REDE.

Depois d'*Aquele Abraço* ao modo do Gilberto Gil, avançámos decididos em direção ao Funchal. Já não era cedo e fomos jantar. Fizemos uma avaliação da situação e planeamos os próximos passos. Terminámos a noite com uma visita à Elizabeth Andrade, conhecida na comunidade por Betty. Luso venezuelana, dirigente associativa, perfeitamente integrada na comunidade onde participa ativamente, sócia da OLHO.te e com experiência na construção de vários tipos de mascaras étnicas e carnavalescas. Veio a ter uma participação fundamental na construção dos cabeçudos e no seu guarda-roupa.



Imagem 7

Na quinta-feira pelas 8h, o Hugo foi buscar-me á Pousada da Juventude, local onde residi durante a estadia no Funchal. Estava em pulgas. Finalmente ia conhecer a sede da OLHO.te. Conforme entrei naquele espaço, mais uma vez confirmei e tristemente percebi que as más e injustificadas práticas também acontecem na Madeira, qual doença contagiosa que teima em lutar contra tudo e contra todos. Vamos lá então tentar explicar este ponto fundamental que luta militantemente contra a boa prática associativa, onde os processos políticos teimam em afirmar a sua falta de visão, de formação, de cultura, trazendo á memória infelizes práticas. Sim, por regra os políticos das mais variadas áreas não são burros, mas infelizmente não têm formação. Têm formatação qual um disco rígido de pequena capacidade, com uma RAM bastante limitada e isto acho eu.

Peço-vos que quando forem ao Funchal subam aquela encosta até á Nazaré e visitem a OLHO.te. Digo isto e não é por acaso. Digo isto porque quando o fizerem vão ter uma surpresa das boas. Vão ter o privilégio de entrar num espaço onde se trabalha a serio, mas que

não cheira a suor, o que significa que as pessoas são asseadas e que mantêm o espaço confortável e limpo.

Vão enfrentar um coletivo de artistas cientistas, composto por crianças, jovens, adultos que de sorriso na cara produzem muito, com muita qualidade e saber, segundo as possibilidades individuais e de acordo com as convenções entre eles estabelecidas. Estais a ver a logica? Uma comunidade a estabelecer as suas regras, sem precisar de as importar. Isto não quer dizer que não tenham lido ou informado sobre outras práticas. É para isso que serve a escola, os livros, a internet. Mas como cada comunidade é uma realidade distinta, há que saber pensar de forma diferente de acordo com as especificidades de cada uma.

A associação está instalada numa sede minúscula para quem tanto trabalha e em áreas tão distintas (teatro, dança, escultura, ajuda ao estudo, horta comunitária, entre muitas outras práticas), com uma amplitude de idades verdadeiramente impressionante. Alguns começam a ir a este espaço ainda na barriga das mães, ao mesmo tempo que se cruzam com bengalas e outro tipo de suportes facilitadores de quem é menos jovem. A sede tem sensivelmente uns 60/70m<sup>2</sup>. Neste espaço extremamente bem aproveitado, arrumado e limpo, estão instalados um escritório, a casa de banho, uma cozinha, uma biblioteca, onde também está o material de trabalho para os mais pequenitos e uma sala polivalente. Quando necessário basta assobiar três vezes e em menos de nada aparece uma brigada especializada, armada com esfregonas, vassouras, baldes, panos, lixívia, esfregões e outros produtos de limpeza. Se estiverem por lá o melhor é afastarem-se quando não, também podem ir parar ao contentor.

Senhores políticos, visitem, intervenham, participem. Assumam a verdade. E a verdade é que são estas entidades que vos substituem nas mais elementares obrigações, porque V. Exas., desculpem-me a franqueza, não percebem nada disto. Acontece que este facto nunca pode justificar a vossa falta de interesse, de empenho, a não ser nos meses que antecedem qualquer ato eleitoral.

Invistam nas vossas populações. Invistam nas entidades culturais e sociais que vos substituem permanentemente. Parem de fazer jantaradas em memória das vítimas da fome e de esbanjar dinheiro em super carros, super caros, que super ofendem quem em vos confiou o destino da sociedade. A OLHO.te, assim como outras entidades congéneres não são apenas associações, onde um grupo de artistas vai ali brincar. São elas que fazem agitar as ideias e que colocam questões. Movimentam a sociedade com todo um pensamento político livre de interesses partidários e ou económicos. Invistam nas artes, na cultura, na imaginação, no abstrato, na alegria, nas flores e nos regadores. Deixem as pessoas acordarem com um sorriso

franco e honesto. Estas entidades, não as subsidiem. Elas não precisam de subsídios tontos, cheios de segundas intenções. Façam um favor a vós e a nós, invistam. Invistam com se entrassem num banco carregados de malas repletas de notas, dispostos a fazerem um depósito a prazo, esperando o lucro fácil, mas sem tempero. A grande diferença é que aqui os juros vão chegar sob a forma de cultura, de arte, de pessoas felizes, respeitadoras e livres. Não é muito melhor? Invistam, não subsidiem!

Na quinta e na sexta-feira o Hugo acompanhou-me nas visitas aos parceiros onde fui apresentado. Estes primeiros contactos naturalmente abarcaram a exposição pormenorizada de Comuninecos e a sua contextualização, o que também incluiu o esclarecimento de todas dúvidas e curiosidades, planeamento e calendarização da ação. A participação destas entidades foi variada, dependendo das suas características e disponibilidades. Umass forraram as estruturas de arame com pasta de papel, outras fizeram o guarda-roupa ou participaram no desfile. Mais à frente identificarei e caracterizarei as entidades envolvidas.

Nos entretempos que separaram estas visitas foi montada a Oficinecos com a colaboração do José Camacho, outro elemento da OLHO.te. Nascido e respeitado naquela comunidade, mostrou-se indispensável com a sua disponibilidade, companheirismo e saber. Foi nesta oficina laboratório que muita magia aconteceu. Também aconteceram várias queimadelas que arrastaram consigo muitos impropérios da melhor qualidade, sempre que uma mão mais atrevida pegava num ferro em brasa acabado de soldar. Coisa que aprendemos a evitar, fazendo isto também parte do grande lote de processos evolutivos e de aprendizagem na defesa e evolução do artista pedagogo, criativo e neste caso também serralheiro.

Andávamos nestas tarefas quando entrou sala dentro carregada de sacos de compras necessárias para a construção dos cabeçudos a Cristina Silva. É a presidente da OLHO.te, cargo que ocupa exemplarmente e felizmente para todos nós é uma excelente adrecista como provam algumas das cabeças por ela trabalhadas.

Por último, mas tão importante quanto os restantes o inigualável e sempre presente Óscar. Este companheiro é sempre e quando digo sempre, é mesmo sempre, o primeiro a chegar à OLHO.te. Moço independente, ninguém faz a mínima ideia onde pernoita. Durante o dia o seu lugar é na sede da associação onde sabe ter sempre água, comida, cama, carinhos e outros cuidados á sua espera. Como contrapartida controla e protege as crianças, assume o papel de porteiro e de vez em quando late, pois claro. Se lhe quiserem fazer uma festa ou dar uma guloseima, não diz que não.

Os dois primeiros dias naquele território completamente desconhecido para mim, mas onde ao fim da manhã do primeiro já ia distribuindo apertos de mão, ora á direita, ora á esquerda, foram passados nesta fona. A apresentação dos elementos da OLHO.te, todos fundamentais nesta atividade, seguiu a ordem cronológica e não outra qualquer razão

## **10 – COMUNIDADE DO BAIRRO DA NAZARÉ - FUNCHAL.**

As comunidades são elementos vivos. Nascem, crescem, circulam, evoluem, organizam-se, zangam-se, até que um dia acabarão por morrer. A do Bairro da Nazaré não foge à regra. É uma comunidade repleta de entidades e subcomunidades de cariz variado. Umhas legais, com componentes sociais, culturais, desportivas, profissionais, religiosas e artísticas, a maioria com origem popular. Também neste grupo, posso incluir o poder local por influenciar a vida de todos, para além do seu dever de participação.

Outras, talvez menos legais, mas reais e espontâneas, logo fundamentais e influenciadoras da vida desta comunidade. Aqui ficam alguns exemplos. Um grupo completamente desorganizado e que pratica a tática do cada um por si, ocupa-se da apanha dos Tabaibos, conhecidos por Figos da Índia no continente. Deixa os braços completamente arranhados pelos picos da planta, mas garante a entrada de alguns euros no orçamento familiar. Também pode ser encontrada a sempre enorme, por muito reduzida que seja, comunidade de toxicodpendentes que vai circulando de esquina em beco por carreiros já definidos. São aceites, compreendidos e criticados, mas não incluídos ao mesmo tempo que se autoexcluem, num círculo vicioso que agrava aquela situação. Por outro lado as sempre ativas comunidades que se organizam diariamente nas esplanadas dos cafés e que são fundamentais na transmissão das notícias caseiras, embora muitas vezes alheias. Da mesma forma que vários grupos se organizam para a prática desportiva ou artística. Outras mais haverá certamente, mas não tive tempo que me permitisse tomar nota delas.

## **11 - PARCERIAS DO PROJECTO COMUNINECOS.**

Dos parceiros de Comuninecos, agora que já vos apresentei os elementos da OLHO.te, vou fazer uma breve apresentação de cada um deles e do seu envolvimento. O trabalho em rede é um dos fatores determinantes do sucesso destas práticas.

O Teatro Comunitário permitiu envolver estas entidades através do projeto COMUNINECOS e em parceria, capacitou-as através da formação artística e criativa.

Foram estas as entidades parceiras que abraçaram este projeto, que puseram a mão na massa e a quem quero enviar um abraço muito especial de agradecimento.

#### **- A.C.D.R.- Associação Cultural e Desportiva de São Martinho**

Entidade sem fins lucrativos, desenvolve a prática de várias modalidades desportivas e promove variados eventos culturais e sociais. Reside portas meias com a OLHO.te e colaborou na confeção do guarda-roupa dos cabeçudos. A sua colaboradora foi de uma dedicação excecional e o resultado fala por si. Basta ver e analisar algumas das fotografias.

#### **- Agrupamento 420 do Corpo Nacional de Escutas – CNE**

O Corpo Nacional de Escutas - Escutismo Católico Português (CNE) é um movimento da Igreja Católica. Esta associação sem fins lucrativos tem como objetivo a educação de jovens a partir das ideias do seu fundador Robert Baden-Powell.

Os elementos do Agrupamento 429 participaram com grande empenho na construção dos cabeçudos e participaram ativamente e com grande alegria no desfile. Agradeço emotivamente à Alcateia, à Expedição, à Comunidade, ao Clã e aos Dirigentes que se dedicaram às diversas fases da construção dos cabeçudos, tendo também participado no desfile

#### **- Café do Sr. Arlindo**

Este ponto de encontro de toda a comunidade, usufrui de uma esplanada espaçosa, de onde se pode observar o Campo Polidesportivo no Bairro da Nazaré, a porta da OLHO.te, do Agrupamento 420 do CNE e na altura em que eu por lá estive a Oficinecos. Esta particularidade mostrou-se muito útil, pois podia ir beber um café enquanto tomava conta das cabeças que iam secando ao sol. Foi nesta esplanada que tomei nota do Eduardo e da sua concertina. Também foi aqui que diariamente ao chegar ao bairro para iniciar as atividades, tinha uma bica oferecida á minha espera.

#### **- Casa do Povo de São Martinho**

Foi a primeira entidade que visitei na Nazaré. Simples de combinar e de coordenar. Fizeram um trabalho exemplar ao incluírem os seus elementos menos jovens na construção dos famosos cabeçudos. Diz na sua página na internet: A Casa do Povo de São Martinho enquanto Instituição Particular de Solidariedade Social (IPSS), desempenha um papel importantíssimo junto da comunidade, ao nível da prevenção e na adoção de respostas que previnam, detenham ou minimizem os principais problemas que afetam a comunidade onde geograficamente a Casa do Povo está inserida. <https://www.casadopovosaomartinho.com/>

### **- Hotel**

Foi um estabelecimento hoteleiro da cidade do Funchal que doou lençóis que já não estavam ao serviço. Foram empregados no guarda-roupa, onde vieram a revelar-se ótimos para a confeção das camisas dos cabeçudos. Um exemplo de reciclagem, neste caso de tecidos que de outra forma teriam como destino o lixo.

### **- Nazareno - snack-bar**

Este é um dos centros nevrálgicos do bairro. É aqui que se toma o pequeno-almoço, que se analisa o problema do vizinho, que se almoça uma Sopa de Trigo ou que se compra uma Raspadinha. O bom humor é reinante. A OLHO.te estabeleceu uma parceria com este estabelecimento onde fui almoçar todos os dias uteis.

### **- Reiventa**

Mais uma entidade com um trabalho notável na comunidade. Empenhou-se e envolveu nesta atividade os idosos com quem trabalha, no revestimento das estruturas de arame com pasta de papel. Diz no seu perfil no Facebook: A Associação Reinventa, visa intervir na vertente social e na dinamização de atividades para jovens (entre os 14 e os 30 anos) e famílias do Bairro da Nazaré. Pretende-se intervir na prevenção de situações de risco, desigualdades, dependências, exclusão social e comportamentos desviantes, através da integração e promoção do desenvolvimento de competências pessoais e sociais.

## **12 – OUTROS APOIOS.**

Os parceiros institucionais são aqueles que assinam as declarações de apoio e ou que abrem os cordões à bolsa. Como se costuma dizer não põem as mãos na massa, mas fazem parte destes processos, tendo um papel insubstituível como facilitadores e investidores.

### **Câmara Municipal do Funchal**

Esta entidade autárquica atribui anualmente um apoio financeiro à OLHO.te dentro do programa: Apoios Financeiros ao Associativismo e a Atividades de Interesse Municipal.

### **Junta de Freguesia de S Martinho**

Esta entidade autárquica apoiou financeiramente a OLHO.te nas despesas de alimentação e estadia.

### **IHM - Investimentos Habitacionais da Madeira**

A IHM diz na sua página na internet: A IHM – Investimentos Habitacionais da Madeira, EPERAM é uma entidade pública empresarial, detida integralmente pela Região

Autónoma da Madeira, responsável pela implementação da política do Governo Regional da Madeira no domínio do apoio à habitação das famílias mais carenciadas.

É esta entidade que garante à OLHO.te o espaço, a energia elétrica e a água.

## **NOS**

A NOS é um grupo de comunicações português e apoia a OLHO.te nas comunicações.

## **13 - O DIA-A-DIA.**

Durante a minha estadia no Funchal os dias começaram às 8h. A esta hora o Hugo descia do alto da Nazaré e vinha buscar-me ao centro do Funchal. Quando digo descia, é porque depois de me apanhar era sempre a subir. Quem conhece o Funchal facilmente percebe o que quero dizer. Esta cidade tem a forma de um anfiteatro, onde as ruas planas situam-se na zona de representação e todas as outras com inclinações bastante acentuadas, estão espalhadas pela enorme e imponente bancada.

Os dias que se seguiram foram ocupados a dar formação aos elementos da OLHO.te, às crianças que estavam a participar no IV Atividades Artísticas e Culturais de Verão 2023 onde se incluía o COMUNINECOS e aos dirigentes e utentes das entidades que decidiram participar neste projeto artístico e comunitário. Para que isto fosse possível vesti os calções que ainda não tinha despido e entrei em modo atleta. Tinha que organizar as hostes. Hostes de atletas de trabalhos oficinais, com tendência para a especialização em generalidades muito pouco concretas e ortodoxas, mas extremamente uteis para este trabalho e para outras ocasiões que a vida requisite conhecimentos concretos e especializados. Como cada vez fica mais claro, o experimentalismo esteve sempre presente nas diferentes fases deste processo.

A arte educação e a educação artística não são designações consensuais e por vezes provocam mal-entendidos. No entanto designam uma área reconhecida como essencial para o desenvolvimento cognitivo da criança e do indivíduo. Através de uma pedagogia das artes desenvolvem-se inteligências múltiplas, habilidades e competências diversas que de outro modo não seriam desenvolvidas. Uma pedagogia que parta da maneira de compreender o mundo e o ser através das artes promove altas habilidades, ajuda a desenvolver a criatividade e a motivação. Ajuda a compreender e utilizar expressões artísticas e a compreender as emoções e os sentimentos. Desenvolve a personalidade e a descoberta do conhecimento. Através da criatividade e motivação, desenvolve habilidades intelectuais tais como capacidades de percepção e memória, de organização e relacionamento de informação, de análise e de síntese, de raciocínio e de resolução de problemas. E

desenvolve habilidades de comunicação e de relacionamento intrapessoal e interpessoal, compreensão dos seus sentimentos e dos sentimentos dos outros. (Eça, 2008, p. 2)

Este investimento artístico e cultural em crianças, jovens, adultos e idosos com alternância entre o teatro, a escultura, a arquitetura, o estilismo, a pintura, a dança e a música, pretendeu e conseguiu abordar e estimular a descoberta do artista criativo que existe dentro de cada um e que deve ser respeitado e espreitado, qual pessoa encarregue de assar uma travessa de sardinhas em que a sua principal ferramenta é o abanador que mantém o carvão em brasa e a crepitar.

Acreditamos que actualmente, o conhecimento básico dos indivíduos nas sociedades pós-industriais deva incluir inteligências flexíveis, competências criativas verbais e não verbais, capacidades de pensar criticamente e com imaginação, compreensão intercultural e empatia para com a diversidade cultural. O contributo de uma pedagogia centrada nas artes é essencial para atingir essas metas. Mas o conceito de 'artes' pode também ser perverso porque é um termo com uma carga histórica muito pesada e com interpretações diferentes segundo diferentes contextos temporais, geográficos e culturais e pode ser: Arte, arte, artes, artístico, arte popular, arte elitista, arte urbana, todas são designações em constante mutação que veiculam ideologias específicas. Muita gente interpreta artes como um conjunto elitista de artistas e de obras que foram reconhecidos por uma comunidade específica em determinado tempo e separa as artes a partir dos meios: escrita criativa (poesia, literatura), artes visuais, música, dança, drama, artes performativas, etc. Mas, hoje em dia, não é mais possível fazer separações de meios, porque as artes se interpenetram, se misturam e saltitam entre áreas. (Eça, 2008, p. 3)

## **14 - A GRANDE OPÇÃO.**

O calendário não pára e o tempo perdido devido à minha retenção em Lisboa tinha que ser rapidamente recuperado. A opção de fundo foi tomada. As cabeças iam ser feitas a partir de uma estrutura em arame, na Madeira é conhecido por verga, resistente e soldado. E não a partir de uma estrutura mais frágil, onde habitualmente é utilizada a verga, cana ou madeira. Esta opção provocou o início mais lento do processo, devido ao trabalho especializado de serralharia que foi necessário executar. Cortar, moldar e soldar este arame é tarefa morosa e árdua. Todo este processo foi uma aprendizagem. Tivemos que estudar qual seria a melhor posição da bancada de trabalho. Perceber quais as particularidades que existem entre os vários

tipos de máquinas de soldar. Perceber as vantagens e desvantagens de cada uma. Avaliar os custos e fazer as escolhas mais acertadas em função do trabalho que iria ser realizado. Todos estes pormenores aparentemente sem importância absolutamente nenhuma, mas que se mostraram vitais. O processo evolutivo foi notório. Se analisarmos e compararmos o primeiro cabeçudo e o último a ser construído, verificamos várias evoluções tecnológicas, criativas e artísticas notáveis e dignas de registo. A adaptabilidade ao corpo humano do produto final, a qualidade das soldaduras que demonstra o domínio do equipamento utilizado, a rapidez da execução de cada unidade. O grande responsável pelo êxito deste processo foi o José Camacho com quem fiz uma bela equipa.

## **15 - OFICINECOS – UM LABORATÓRIO EM REDE. OFICINAS ARTÍSTICAS E COMUNITÁRIAS.**

O laboratório como metodologia para pesquisa em artes cênicas é uma prática que vem sendo amplamente referenciada e utilizada em investigações da área. Sem uma definição precisa enquanto método, ele é, acima de tudo, uma atividade e um espaço fértil de experimentação, onde práticas são usadas para investigar algo desconhecido ou testar ideias. Todavia, ele permanece como uma práxis, na qual o pesquisador precisa ser criativo, desafiador e interessado naquilo que está para ser examinado e/ou descoberto. (Scialom, 2021, p. 2)

A Oficinecos era instalada de manhã no espaço exterior da OLHO.te e recolhida ao fim da tarde. Se o tempo não o permitisse, nesse dia, ficava no interior. Isto quer dizer que os vários processos que aconteceram nesta oficina artística eram permanentemente alvo da fiscalização comunitária. Um que passava e dava a salvação, outro que vinha saber o que é que estávamos a fazer, seguido de mais um que propunha novas técnicas ou ainda aquele que nos convidava para um café e nós aceitávamos.

Os momentos no café foram preciosos nos vários relacionamentos que fui estabelecendo. Foi aqui que as pessoas mais se abeiravam e perguntavam-me quem é que eu era, de onde vinha, o que fazia ali. Depois, é claro, as conversas aconteciam. Falámos do Benfica, que é coisa de que falo sempre como bom Alfacinha que teimo ser, embora não perceba nada e quando digo nada, é mesmo nada de futebol. Mas também falámos de muitas outras coisas. Entre estas outras coisas, o Senhor Hugo, a D Cristina ou a D Betty (é assim que são chamados) e conseqüentemente a OLHO.te, vinham sempre à baila. É da maior

importância e nunca será pouco, fazer referência à estima e ao reconhecimento da comunidade relativamente ao trabalho desenvolvido por estas pessoas ao longo dos anos.

Na Oficinecos o trabalho nunca parou. Não havia tempo para tal luxo. Foram preparadas velozmente várias estruturas. Tinham que ser entregues aos parceiros para que pudessem iniciar o seu revestimento com pasta de papel como combinado e planeado nas visitas realizadas anteriormente. Tudo foi entregue nas datas previstas. Devo dizer que por incrível que possa parecer todos os prazos combinados foram cumpridos escrupulosamente por todas as entidades envolvidas. O que como todos sabemos é uma coisa muito apreciada, mas que raramente acontece.

As oficinas instaladas nas várias entidades que participaram e que já foram referenciadas, devem ser consideradas um prolongamento da Oficinecos. Também este ponto merece alguma reflexão. Uma oficina em rede! A Oficinecos que começou com uma simples bancada em frente à sede da OLHO.te, rapidamente foi ampliada com várias bancadas de trabalho e estendeu os seus braços a mais três locais. Situação idêntica aconteceu com o atelier de costura que teve início na OLHO.te e rapidamente ampliou a sua rede ao também ser instalado na casa da Betty e na sede da A.C.D.R.- Associação Cultural e Desportiva de São Martinho.

Segundo a compreensão normal, a obra surge a partir e através da actividade do artista. Mas por meio e a partir de quê é que o artista é o que é? Através da obra; pois é pela obra que se conhece o artista, ou seja: a obra é que primeiro faz aparecer o artista como um mestre da arte. O artista é a origem da obra. A obra é a origem do artista. Nenhum é sem o outro. E, todavia, nenhum dos dois se sustenta isoladamente. Artista e obra são, em si mesmos, e na sua relação recíproca, graças a um terceiro, que é o primeiro, a saber, graças àquilo a que o artista e a obra de arte vão buscar o seu nome, graças à arte. (Heidegger, 1950, p. 11)

Os parceiros deveriam reunir jornais velhos, cola branca e pinceis. A verdade é que nem todos dispunham de cola e de pinceis e este material teve que ser fornecido pela OLHO.te. Outro ponto a merecer reflexão. Quando entidades como as que participaram nesta empresa, com trabalho regular com crianças, jovens e idosos, têm carência de materiais tão básicos como cola branca e pinceis, *algo vai mal no reino da Dinamarca*, parafraseando o poeta e dramaturgo inglês William Shakespeare, na sua obra Hamlet, escrita entre 1599 e 1601.

O processo de forrar as estruturas de arame com pasta de papel ia evoluindo sempre que se interrompia a soldagem ou quando as crianças regressavam das outras atividades que iam acontecendo em paralelo. Sim, porque uma máquina de soldar e crianças por perto não são lá muito compatíveis. O facto do processo de soldagem não ser compatível com a presença entusiasmada das crianças, não quer dizer que não o tenham experienciado de forma controlada e segura. Uma máquina que faz estrelinhas com fartura hipnotiza qualquer um de nós. Agora imaginem uma criança cheia de coisas maravilhosas dentro daquela caixa craniana capaz de fazer inveja ao saber do cientista planetário, astrônomo, astrobiólogo, astrofísico, escritor, divulgador científico Carl Sagan (1934, 1996). Então com a devida segurança, explicando a importância de usar aquela máscara saída de um filme do Freddy Krueger e do perigo que cada estrelinha pode representar, ora um, ora outro, puderam assistir àquele processo por breves momentos, com a devida máscara de proteção e guardando a distância de segurança.

Entretanto e sempre que recebíamos a informação de que um parceiro tinha terminado uma cabeça, realizávamos a sua recolha. É claro que não perdíamos tempo e entregávamos logo uma nova para que não perdessem a *embalagem* adquirida.

Quando as coisas permitiam ia inteirando-me das outras atividades desenvolvidas pela OLHO.te. Na companhia das crianças visitei a sua horta e pude constatar a existência de várias culturas pujantes e em visível desenvolvimento. Alfaces, tomates, feijão-verde, couves, essas coisas. A manutenção é feita pelo José Camacho que conta com a colaboração dos mais pequenos sempre que têm um bocadinho de tempo livre, o que nem sempre é fácil conseguir. Mas ele faz magia e a horta nunca parou de produzir porque está sempre bem cuidada. Depois deste projeto ter terminado e comigo já em Lisboa, vi no Facebook da OLHO.te e de outras pessoas da comunidade, fotografias das saladas que acompanharam a refeição daquele dia com os produtos da horta que as crianças levaram para casa. De outra feita acompanhei a visita que efetuaram ao Parque da Ribeira Primeira, localizado na freguesia de Santo António da Serra, no Município de Machico. Um parque que permite um contacto bastante próximo com a natureza e onde as crianças puderam pescar umas belas de umas trutas.

Com as estruturas cobertas com pasta de papel teve início a fase seguinte. Transformar aquelas estruturas disformes, com as marcas dos arames que as suportam, em cabeças com um formato humanoide e com tudo aquilo que a imaginação e a criatividade de cada artista permitiu. E já se sabe o que acontece quando a imaginação e criatividade andam á solta e de mão dadas. Coisas lindas, maravilhosas, fantásticas.

“Criatividade é inventar, experimentar, crescer, correr riscos, quebrar regras, cometer erros e divertir-se no processo.” (Cook, 1990)

## 16 – A INTERRUPÇÃO PROGRAMADA E CALCULADA. ESTRATEGIAS APLICADAS.

O dia 17 de Julho aproximava-se, o que significava o meu regresso durante duas semanas a Lisboa. Era importante, diria mesmo fundamental, que deixasse pelo menos um cabeçudo pronto. Colei o nariz e as orelhas e pintei aquela cabeça. Foi a única onde realizei o trabalho final. Outras cabeças houve, que pintei. Mas apenas a primeira de mão e só com uma cor. Como quem prepara uma tela para que o outro artista possa realizar a sua obra de arte.



Imagem 8

Era da maior importância que este processo ganhasse autonomia. Que os envolvidos deixassem de chamar por mim, que perdessem os receios e que começassem a experimentar, a arriscar, a entrar num complexo processo de oficina criativa onde o disparate, sim porque o disparate é de uma importância vital, e a criatividade, outra disciplina fundamental, fizessem parte do processo incontável que é a vida.

Os *Gigantones* e *Cabeçudos* conhecem-se em termos semelhante na vizinha Espanha, onde mostram grande relevo: e, sob o ponto de vista linguístico, a designação de *gigantones* possui uma clara ressonância espanhola. Pode-se pensar que após o desaparecimento dos desfiles profanos da procissão do Corpus Christi, um novo costume se formou a partir de quaisquer elementos vindos de Espanha. Os quais teriam vindo sobrepor-se ou substituir as personagens gigantescas, gigantes ou outros, da velha tradição nacional do Corpus, sem porém tomarem a sua forma nem o seu significado. E, a apoiar esta suposição, temos a notícia de um *Gigantone* vindo da Galiza que, em Viana do Castelo, fazia o papel de S. Cristóvão, levado num andor.

Em Portugal conheciam-se outro tipo de figurantes gigantescos, que apareciam em certas festas e comemorações principescas – por exemplo as que tiveram lugar em Évora em 1490, por ocasião do casamento do príncipe D. Afonso, filho de D. João II, com a infanta D. Isabel de Castela, em que aparecia «um gigante»; ou as que se realizaram em Lisboa em 1500, pelo Natal, no palácio do rei D. Manuel, onde, num estrado, se encontrava «um formidável dragão com três cabeças e seis grandes mãos», um momo com um gigante agrilhado e outro com diabos, etc. - sem falar na

procissão a que atrás aludimos, em que se viam também diabos, que Filipe II muito apreciou -, as quais, pelo seu requinte, parecem, seguidamente, ter servido de modelo a certas festividades de outras cortes da Europa. Não nos ocuparemos porém delas aqui em pormenor, porque constituem casos atípicos e excepcionais, de natureza sobretudo teatral, sem raízes específicas nem carácter popular ou regional. (Oliveira, 1995, p. 286)

Chegou o dia 17 e no fim de mais um dia de trabalho no Bairro da Nazaré levaram-me ao aeroporto. Voei até Lisboa onde a existência de muitos e complexos cabeçudos, estes de carne e osso, tentam imitar os de pasta de papel. Não conseguem, não possuem o mínimo de competências necessárias. A ausência de criatividade, de boa disposição e capacidade para entenderem o conceito de comunidade, de afinidade e da alegria/liberdade por ela transmitida não lhes permite tal façanha. Que pena. E que pena é, serem eles a terem as rédeas das artes, de decidirem os seus propósitos, de limitarem os seus pensamentos. Mesmo sabendo que, como diz o poeta Carlos de Oliveira: *não há machado que corte a raiz ao pensamento*.

Que a dependência é uma besta  
Que dá cabo do desejo  
E a liberdade é uma maluca  
Que sabe quanto vale um beijo  
Enquanto houver estrada pra andar  
A gente vai continuar  
Enquanto houver estrada pra andar  
Enquanto houver ventos e mar  
A gente não vai parar  
Enquanto houver ventos e mar (Palma, 1991, Só [vinil])

Tirei a minha carteira profissional de Actor e Mimo através do STE - Sindicato dos Trabalhadores do Espectáculo em 1983. Como provas de trabalho levei recortes de jornais e revistas. Sim, na altura a imprensa divulgava e produzia artigos de e sobre teatro. Isto tudo acompanhado pelos pré-avisos de manifestações públicas de âmbito cultural entregues no Governo Civil de Lisboa e que legalizavam a apresentação da Rua-Mimo-Trupe nas ruas de Lisboa. Era aqui que a Rua-Mimo-Trupe intervinha durante o dia. À noite percorria os muitos cafés-concerto que existiram em Lisboa. Esta primeira, mas decisiva experiência envolveu os falecidos e grandes doidos: João Ricardo e o Marc Lameirão. A Paula Machado, hoje funcionária da Câmara Municipal de Lisboa. A Fátima Reis, atriz durante muitos anos do

extinto Teatro de Portalegre, hoje dedicada á vida civil. E eu. Eramos uns fedelhos, com idades entre os 18 e os 24 anos. Foi assim que tudo começou.

Depois foi um saltitar de companhia em companhia. Prática que mantenho até hoje. Sempre que me é possível corresponder a uma solicitação lá vou eu todo contente.

A Vicenteatro nasceu em 1996, tendo concluído o processo de legalização em 2000. Agora podemos formalizar uma associação no momento em que decidimos. Na altura era uma carga de trabalhos, de escudos e envolvia notários e advogados.

A companhia tem no seu currículo vários espetáculos de autores contemporâneos, como são exemplo: Luís Francisco Rebelo, Hélder Mateus da Costa, Ionesco ou Owen McCafferty. Mas nunca perdeu o enfoque na nossa história e tradição. A pesquisa de técnicas antigas relativas à construção e manipulação dos Robertos, Cabeçudos e Gigantones conduziu-nos à montagem de vários espetáculos de rua e de sala. Da mesma forma a investigação histórica levou-nos a desenvolver várias ações a partir de técnicas aprendidas nas famosas ações de História ao Vivo, promovidas pela Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses através das mãos das Doutoradas Paula Bárcia e Manuela Mota. Mas também o Mestre Gil Vicente, Anrique da Mota, Nicolau Coelho (pensamos), Fernão Mendes Pinto, entre outros, foram alvo de apurado estudo, pesquisa e montagens artísticas.

Do Funchal continuavam a chegar notícias e das boas. O processo de construção dos cabeçudos não parou. A autonomia tomou conta daquelas pessoas. Mantive o contacto à distância e no meu computador começaram a aparecer imagens surpreendentes. As cabeças iam ganhando formas bastante elaboradas, complexas. Confirmei que esta ausência estrategicamente pensada e concretizada tinha toda a razão de acontecer. As pessoas precisam de se emancipar. Devia ser obrigatório. Mas este processo também pode ser estimulado e eu sabia que se me afastasse, isso iria acontecer naturalmente. Assim foi. Fiquei radiante ao confirmar pela prática este meu pensamento.

O experimentalismo acontecia a cada colagem com a introdução de um elemento novo, com uma nova intenção, privilegiando a utilização de materiais alternativos e reciclados. Ia ganhando consciência que aquela colheita ia ser de grande qualidade.

A Oficinecos nunca parou de laborar. Que pintarola. À frente destas operações estiveram a Cristina, a Betty e o José, sempre imparáveis, eficientes e exatos.

A criatividade afirma-se como um determinante vital em qualquer criação humana; fundamental em todo o processo de pensamento, emoção e até escolha vivencial do ser humano. Sendo libertadora, fundamenta e estrutura todos os domínios da vida. Contudo, mantém-se sempre incompreensível, sendo ainda hoje um mistério; constantemente visível (identificável), mas permanentemente intangível. (Duarte & Dias, 2016, p. 62)

## **17 - DE REGRESSO AO FUNCHAL.**

Os métodos e técnicas apresentadas nos primeiros quinze dias da minha presença no Funchal irão prolongar-se até ao fim do processo. Vai ser sempre necessário colar mais um papel, soldar mais um arame ou aplicar mais uma pincelada. Assim e por estas razões não voltarei a falar neles tendo a perfeita consciência de estarem serem presentes e fazerem parte efetiva e permanente de todo o processo.

No dia 30 de Julho regresssei ao Funchal para a segunda e ultima fase deste empreendimento. Eu, o Hugo, a Cristina e a Betty reunimo-nos na companhia de uma pizza. Fizemos o ponto da situação. Conversamos sobre o guarda-roupa, tecidos, feitios, tamanhos, essas coisas. Verificámos os materiais que estavam a faltar. Combinámos ações. Por outras palavras, oleámos a máquina sem que perdesse ligeireza e estabelecemos a nova velocidade de cruzeiro. Já que acabei de falar no Hugo, aproveito para vos dizer uma coisa. Pouco tenho falado dele neste processo. Referi-o nos primeiros contactos que fiz com a OLHO.te, do nosso encontro em Lisboa e que me foi buscar ao aeroporto. Nada mais errado e injusto. O rapaz não pára. Ia buscar-me às 8h da manhã. Às 9h arrancava com as crianças para vários pontos da ilha com atividades culturais, artísticas e desportivas diárias e sempre diferentes. Quando regressava a meio da tarde juntava-se a nós, agarrava no telefone e continuava por ai fora. Esquecemo-nos frequentemente desta parte vital de qualquer processo artístico e ou criativo a que chamamos *produção*. É que sem produção não há processo. Chatear o presidente da junta de freguesia a pedir uma carrinha. Contactar o gerente de um hotel a pedir apoio para alojar não sei quantas pessoas ou fazer ver a um presidente seja ele da câmara municipal ou de um grupo económico as vantagens que pode ter se investir num projeto não é para quem quer. È para quem sabe. Além de ocupar tempo, muito tempo.

Ao entrar na OLHO.te fui surpreendido por uma montanha de cabeças em fases distintas de construção. Como já fiz referência, quando estava em Lisboa recebi notícias e fotografias da evolução dos trabalhos. Agora comprovava. Ali, ao vivo e a cores. Havia que terminar aquelas fantásticas cabeças o mais rapidamente possível e foi o que aconteceu.

Nesta altura o interesse começou a ser direccionado para as novas aprendizagens, novas técnicas, cumprir as novas necessidades, resolver os novos problemas que surgiam constantemente. Graças às características dos espaços onde tudo ia acontecendo a equipa coordenadora estava em reunião permanente, o que permitia a rápida tomada de decisões. Por outro lado os outros participantes estavam ao corrente de tudo. Penso que as pessoas envolvidas devem ter o máximo de informação possível. Quanto mais bem informados estiverem, mais preparados e motivados vão estar para melhor puderem contribuir e resolver qualquer situação que possa surgir.



Imagem 9

Ao longo destas fases, deve sempre estar presente um forte espírito de equipa e uma firme liderança rumo aos objectivos. Uma preocupação permanente com a qualidade e com a avaliação é também um factor muito importante. A equipa de projecto deverá reunir-se frequentemente, para monitorizar o progresso e coordenar as acções. A vários níveis, convirá ir tomando acções correctivas sempre que houver desvios. Certamente que uma equipa que desenvolva projectos reflecte bastante sobre a sua acção, procurando aplicar nos projectos futuros os ensinamentos resultantes das experiências anteriores (Ramos, 2008, p. 8, citado por Mateus, 2011, p. 5)

A Betty liderou a equipa do guarda-roupa. Disponibilizou a sua máquina de costura e colocou-a ao serviço da comunidade. Também tratou dos contactos com as senhoras da A.C.D.R. - Associação Cultural e Desportiva de São Martinho. Forneceu-lhes as informações necessárias para que tudo corresse da melhor forma e correu. O guarda-roupa ficou fantástico.

Mas mais importante do que ter ficado bonito, ficou bem feito. Cumpru todas as necessidades impostas por aquelas cabeças disformes e de grandes dimensões.

Sempre pretendi que o desfile não fosse apenas um desfile, qual passagem de modelos. Deveria ir muito mais além. Seria sempre da maior importância a inclusão do movimento e do som. Os mais pequenos, com a preciosa e fantástica colaboração e coordenação da professora de dança Margarida Menezes, a quem aqui deixo o meu agradecimento por todo o empenho, competência e simpatia, desenvolveram coreografias maravilhosas para serem apresentadas durante o desfile. Mais uma vez pudemos observar o grande poder das artes e desta vez, a dança como elemento interventivo, mas sobretudo centralizador de vontades e saberes. Não nos podemos esquecer de toda a envolvente motora e de coordenação coletiva a que estas práticas obrigam. Não pensem que transportar cabeças com estas características aos ombros é coisa despreocupada e que não necessita de preparação e ensaios que deem ferramentas de controlo sobre estes elementos de grandes dimensões. É esta preparação individual que vai dar ferramentas para que aconteçam coreografias coletivas de grande rigor. Ao contrário do que muitas vezes é apregoado as crianças são rigorosas, extremamente rigorosas. Rigorosas, competentes e empenhadas. Os putos são um espetáculo.

A acompanhar o desfile ficou decidido que deveria haver música tradicional madeirense, reproduzida através de uma coluna de grande potência transportada por mim à tiracolo. Chamo a atenção para um pormenor da maior importância que aconteceu durante o desfile e que envolveu esta famosa coluna. Ainda não vou revelar, mas asseguro-vos que vão poder observar a forma célere e eficiente como a comunidade se organizou perante um problema técnico, sem possibilidade de resolução imediata.

Estamos a chegar à ponta final de COMUNINECOS. Como as atividades se iam desenrolando no mesmo espaço (interior e exterior) a comunicação, o entendimento e a atualização, estiveram sempre facilitadas o que favoreceu que tudo fosse avançando sem grandes problemas. Os diversos processos que se desenvolveram durante este mês e meio começam a ficar concluídos. Apenas faltavam uns acabamentos e que eram uma pincelada aqui, uma colagem acolá e um pontinho na outra bainha.

## **18 – ENSAIOS, TESTES E AFINAÇÕES FINAIS.**

Havia que experimentar os cabeçudos na sua plenitude. Confirmar se as cabeças estavam equilibradas, se as bases de suporte cumpriam as suas funções, se as saias não se prendiam aos pés, essas coisas. As crianças tinham exatamente os mesmos problemas. Agora

com os cabeçudos vestidos e afinados, os participantes tinham que aprender a andar com eles, a dominá-los. Quem assiste pode não se aperceber, mas a noção de espaço, de volume, de como se relacionar com o mundo é totalmente diferente. As cabeçadas involuntárias que são dadas. A enorme dificuldade em que se pode tornar o querer subir um passeio. O querer comunicar e não ser possível. O suor que escorre pela face, sem que seja possível limpá-lo. A quase impossibilidade de circular de mãos dadas. No meio deste arraial lá ia circulando o Óscar. Na sua tranquilidade canina ia trocando o seu lugar de observação conforme decorriam os trabalhos. Aproveito para desejar rápidas melhoras ao Óscar que numa das suas noitadas trelouçadas ficou maltratado. Teve que dar entrada num hospital veterinário onde foi submetido a vários tratamentos que perfizeram muito mais de €500. E quem suportou este valor? A comunidade! A OLHO.te levou o Óscar ao veterinário, fotografou, informou a comunidade que ia colocar em estabelecimentos comerciais umas caixas para a recolha de donativos e o milagre aconteceu. O Óscar já regressou a casa e parece que desta vez até encontrou uma família que o acolheu.

## 19 – APRESENTAÇÃO FINAL – DESFILE DOS CABEÇUDOS – COMUNINECOS

Chegou o grande dia e com ele a famosa prova dos nove. Todos deveriam estar na OLHO.te pelas 9:30h, do dia 12 de Agosto de 2023. Abraço para a esquerda, olá para a direita e toca a vestir os cabeçudos. Afinal era exatamente para isso que todos estavam naquele local, naquele dia e àquela hora. Instalou-se a azáfama.



Imagem 10



Imagem 11



Imagem 12



Imagem 13



Imagem 14

No exterior começou a formar-se o desfile. Para além dos cabeçudos, os aguadeiros, elementos de algumas das entidades parceiras, pais, vizinhos, eu com a coluna de som às costas, o Óscar e o Eduardo.

## 21 – O EDUARDO

Perguntais vós: Quem é o Eduardo? O Eduardo é um miúdo desta comunidade. De sorriso rasgado está sempre disponível para participar. Um dia estava eu na Oficinecos, decidi fazer uma pausa e fui beber um café ao Sr. Arlindo que fica duas portas ao lado e onde existe uma das esplanadas de que já falei. Entre outras pessoas espalhadas pelas mesas ali existentes estava o Eduardo. Desta feita não sorria. Sério, concentrado, ia agitando levemente a cabeça ao ritmo da música que saía da sua concertina. As músicas tradicionais da sua ilha iam jorrando do instrumento musical, uma após a outra. A esplanada em silêncio escutava atentamente aquele concerto que ali acontecia. Que pintarola. Zás pás trás e, “Hugo aquele companheiro é um espetáculo. Vamos integrá-lo no desfile. Que achas?”. Falei com ele e acertámos que a sua intervenção deveria acontecer numa das paragens do desfile. Os cabeçudos deveriam dançar ao som das suas músicas. Isto foi o que ficou combinado.

O desfile percorreu o bairro e atravessou ruas, praças, jardins, visitou esplanadas e saudou as pessoas que nos vinham ver á janela. Eramos acompanhados pelos vizinhos, familiares, curiosos e pela música tradicional madeirense que saía da coluna que nos acompanhava. Todos dançavam, pulavam e divertiam-se. De repente o inesperado aconteceu. Fez-se um silêncio tétrico. A coluna que acompanhava o desfile e que fornecia generosamente a música calou-se de vez ao fim de trinta minutos. A bateria que deveria ter durado algumas horas encontrava-se viciada e não tínhamos dado conta do seu estado.



Imagem 15

E agora? Agora, nada. Repentinamente ficou tudo resolvido. O Eduardo agarrou na concertina e cheio de valentia encarou corajosamente e bem, o que faltava do desfile. Só vos digo que se os cabeçudos já vinham cheios de vontade de dançar e pular, agora é que os haviam de ter visto.

O desfile fez o percurso previsto. Terminou num parque desportivo onde todos puderam tirar aquelas cabeças e beber a tão desejada água.

- Mas que coisa te assustou neste discurso sobre o riso? Não eliminas o riso eliminando este livro.

- Não, decerto. O riso é a fraqueza, a corrupção, a sensaboria da nossa carne. É o folguedo para o camponês, a licença para o avinhado, mesmo a Igreja na sua

sabedoria concedeu o momento da festa, do carnaval, da feira, desta poluição diurna que descarrega os humores e entrava outros desejos e outras ambições... Mas assim o riso permanece coisa vil, defesa para os simples, mistérios desconsagrados para a plebe. Também o dizia o apóstolo: em vez de arder, casai-vos. Em vez de vos rebelardes à ordem querida por Deus, ride e deleitai-vos com as vossas imundas paródias da ordem, no fim da refeição, depois de terdes esvaziado as canecas e os garrafões. Elegei o rei dos imbecis, perdi-vos na liturgia do asno e do porco, jogai a representar as vossas saturnais de cabeça para baixo... Mas aqui, aqui... - agora Jorge batia com o dedo na mesa, perto do livro que Guilherme tinha à sua frente – aqui inverte-se a função do riso, eleva-se a uma arte, abrem-se-lhe as portas do mundo dos doutos, faz-se dele objeto de filosofia e de pérfida teologia... (Eco, 1980, p. 385)

Depois, uns mais rápidos, outros mais lentos, lá fomos até à sede da OLHO.te onde arrumámos os cabeçudos. O meu regresso a Lisboa estava marcado para o dia seguinte, tinha a consciência de que seria a última vez que veria a maior parte daquelas pessoas. Dei vários abraços aos miúdos e graúdos e mais uma vez agradei o empenho de todos. No domingo a Betty convidou-nos e tivemos um valente arroz de pato ao almoço. Regressei a Lisboa no fim do dia com o sentimento de dever cumprido.

## 22 – ORÇAMENTO

Este trabalho de projeto teve custos. Todos têm. Há sempre despesas. Isoladas, aparentam ser de pouca monta. Quando somadas surpreendem-nos com os valores alcançados.

Não tendo atingido montantes exagerados, não significa que não tivessem sido significativos para o mestrando, assim como para a entidade acolhedora. Esta situação pode impedir a realização de projetos académicos com estas características, o que nunca será desejável. Seria sim, desejável a existência de apoios para estes trabalhos de investigação, com todos os proveitos que poderão usufruir a academia, os mestrandos, as entidades acolhedoras e principalmente as comunidades.

Aqui apresento o orçamento aproximado.

A cargo do mestrando:

Passagens de avião: € 450

A cargo da OLHO.te :

Alojamento: ... .. € 600

Alimentação: ... .. € 450

Gasolinas: ... ..	€ 120
<u>Materiais (colas, arames, tintas, etc.): ... ..</u>	<u>€1000</u>
Total:	€2620

O trabalho do serralheiro, das costureiras, dos jovens, do envolvimento das outras entidades, etc., não foi contabilizado, mas devia. Não nos esqueçamos que mesmo sendo voluntário, este trabalho representa um valor. Este cuidado pode revolucionar um orçamento que tenha que ser apresentado. São tantas as vezes que me dou conta de que as associações ao apresentarem pedidos de apoio se esquecem deste pormenor tão importante.

Tinha na minha posse estes e outros dados. As pessoas envolvidas. O número de horas de trabalho. Muitas fotografias e vídeos. Vários registos e anotações. Tudo aquilo que poderia ser útil na elaboração deste relatório de projeto ao acrescentar vários dados concretos. Infelizmente um dia depois do meu regresso a Lisboa, os amigos do alheio visitaram-me e levaram uma mochila onde ainda estavam o computador portátil, um disco rígido, várias pens e sei lá mais o quê. Foi pegar e levar. Levaram tudo o que dizia respeito a este trabalho. Fiquei sem nada e tive que recomeçar do zero.

“Depois, quando as forças deram para andar, desci ao largo. Depois, tomei os caminhos que havia e mais outros que depois desses eu sabia” (Fonseca, 1978, p. 102)

## **23 - CONCLUSÃO.**

Aplicando o meu percurso artístico como encenador, actor, bonecreiro, aderecista e cenógrafo criei um modelo de Teatro Comunitário.

Este tipo de objectos cénicos tradicionais (cabeçudos, gigantones, robertos, mascaras, etc.) promovem o simbólico e permitem a abstracção e o sentido da arte quer nos atores comunitários, quer no público.

O desfile de Cabeçudos é uma manifestação popular que atrai as pessoas provocando nelas grande interesse e animação. Estas grandes cabeças coloridas e engraçadas criam um ambiente festivo e divertido, proporcionando sorrisos e gargalhadas em todas as idades.

Através destas manifestações públicas as comunidades conseguem transmitir os seus valores e costumes ao mesmo tempo que fazem uma crítica aos problemas sociais que as

atingem. Portanto, é evidente que esta forma de teatro de objetos tem um grande significado político.

O trabalho desenvolvido na preparação destes eventos é uma oportunidade única para a promoção da boa vizinhança, das relações intergeracionais, de uma maior consciencialização cívica ao mesmo tempo que todo o processo nasce e è desenvolvido a partir do conhecimento e uso de várias artes.

Neste trabalho não há uma conclusão. Felizmente nada ficou concluído. Apenas encerrámos um ciclo. As portas lá na Nazaré, continuam escancaradas para que possam acontecer novas experiências, para que possam fazer muitos despautérios, para que possam rir ou chorar. As cabeças estão lá. Lá também estão as tintas, as colas e os pinceis. Mas muito mais importante do que todas estas ferramentas e matérias-primas é o material humano que as comunidades possuem e que consegue impulsionar os vários processos, sejam eles artísticos, ecológicos, culturais ou outros. Este sim, é o elemento que tem que ser cuidado, acarinhado, estimado, compreendido e incentivado. Não me refiro apenas às pessoas que teimam em participar nas iniciativas propostas pelas entidades ali residentes. As entidades que desenvolvem estes projetos e os seus dirigentes também necessitam que lhes passem a mão no pelo. Exatamente como esta comunidade faz com o Óscar.

Ó governantes deste canteiro. Olhai para as vossas gentes e ide sentar-vos com elas. Na sua mesa, não na vossa, que isso pode ser fino mas é batota. Bebei um copo de vinho que não seja de marca engarrafada, pasteurizado e com conservantes, mas daquele que sai do pipo velho, cheio de marcas causadas pelo passar dos anos e que lhe dá aquele sabor único. Comei do seu pão bruto, escuro. Daquela que a farinha não foi peneirada na vossa peneira que quase tudo tira e onde apenas resta um pó branco, pobre, sem sabor, mas muito chique.

Invistam. Invistam nas artes como se não houvesse amanhã. Se investirem na cultura, nas artes, na saúde, nessas coisas, não estão a fazer nada ilegal e por incrível que possa parecer não estão a prejudicar ninguém, pelo contrário. Estão a servir as pessoas e essa deveria ser sempre a vossa função.

No resultado deste processo posso afirmar que os participantes ficaram formados e aptos a iniciarem outros procedimentos artísticos e criativos idênticos. Todos passaram por todas as fases, assim estão conscientes e sabedores das matérias-primas, ferramentas e técnicas usadas. Toda a formação foi dada pela prática, através do trabalho criativo e experimental. A capacidade de decisão foi estimulada, da mesma forma a capacidade de resolução. Sempre conscientes de que este não seria um trabalho individual, mas sim coletivo,

onde a noção de maioria não é desejável, coitada da minoria, mas sim a procura permanente do consenso. Há que saber respeitar, ouvir e integrar o saber e vontade de cada indivíduo.

Num coletivo o indivíduo deve ter direito a expressar-se, a fazer-se ouvir. Num coletivo, o coletivo tem o dever de dar voz, ouvir e tomar em atenção as opiniões e desejos de todos. Num coletivo o voto deve ser substituído pela discussão tendo sempre em vista o encontro de posições consensuais.

-E há lá tempo para perdermos com estas trapalhadas que só dão dores de cabeça?

Quando perceberem o tempo que vão ganhar, para além da confiança do grupo e nas boas noites de descanso que vão poder usufruir, nunca mais vão querer ouvir falar em maiorias.

De uma perspectiva objetiva, a democracia é um sistema que permite à maioria impor vontades a uma minoria, através de processos desenhados, aprovados e executados por representantes dessa maioria. Já o consenso é um processo decisório coletivo, onde o interesse de cada membro é explicitamente reconhecido, e a solução que melhor atenda às necessidades do grupo é acordada. (Felipe, 2017).

Mas o mais importante e isto é que é bom, ficaram com a plena consciência de que as técnicas apresentadas não são as únicas. Cada um destes artistas vai poder criar, misturar, inventar novas técnicas, novos processos, para que cabeçudos ou outras estruturas nada idênticas, possam nascer a cada vontade.

A verdade é que a sementeira que o projeto Comuninecos realizou no Bairro da Nazaré já se faz sentir. Para além do desfile pelas ruas do bairro que foi um sucesso e que recebeu vários elogios, também participou noutra no desfile de encerramento do Mariofa - Festival de Marionetas e Outras Formas Animadas. Um importante evento que se vem afirmando como uma referência na arte da marioneta. Outros convites para participações em manifestações culturais em diversos pontos da ilha já existem, mas vou escusar-me a referenciar-los, pelo simples facto de ainda não terem acontecido. Como diz o povo que raramente se engana, *não devemos pôr o carro á frente dos bois*. Aguardemos então pelas notícias com que a OLHO.te nos irá brindar.

“Posto isto, adeus. Aplaudi, vivei e bebei, ó amigos celebérrimos da Loucura.”

(Roterdão, 1998, p. 131)



# ESTC

ESCOLA SUPERIOR DE  
TEATRO E CINEMA  
INSTITUTO POLITÉCNICO DE LISBOA



O. A. A. S. S.  
Olho-Te - Associação Artística de Solidariedade Social

**PROJETO DE MESTRADO**  
JOÃO CARNEIRO

**ORIENTADORA**  
RITA WENGOROVIVS

**CO-ORIENTADOR**  
HUGO ANDRADE



# COMUNINECOS

**DESFILE DE CABEÇUDOS**  
UNIÃO E A FORÇA DAS  
ASSOCIAÇÕES DO BAIRRO DA  
NAZARE

## PERCURSO

**INÍCIO:** SEDE DA ASSOCIAÇÃO OLHO-TE

**FIM:** LUGRADORES DO BAIRRO POLI  
DESPORTIVO (ATRÁS DO SUPERMERCADO)

**12 DE AGOSTO DE 2023, ÀS 10H NO  
CONCENTRAÇÃO NA ASSOCIAÇÃO  
OLHO-TE**

## PARCEIROS:



## APOIOS:

## **Bibliografia**

ANTUNES, Carla Pires; DIAS, Maria Flor (2015). Os Cabeçudos: Da Rua à Cena – Ressignificações da Tradição. Universidade do Minho.

COOK, Mary Lou (1990). Citada em "The Elementary school library collection: a guide to books and other media", Lois Winkel, Eileen Palmer Burke - Brodart Co.

EÇA; Teresa Torres (2008). Para acabar de vez com a Educação Artística; Revista Digital do Laboratório de Artes Visuais; Universidade Federal de Santa Maria, Campus Sede.

ECO; Umberto (2011). O Nome da Rosa; tradução de Homero Freitas de Andrade e Aurora Forni Bernardini Rio de Janeiro: Editora Record.

ECO, Umberto (2004). História da Beleza; tradução de Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Editora Record.

FELIPE (2017). Medium: Democracia vs. consenso: dá pra ter um sem precisar do outro? <https://tinyurl.com/27t7ftu8>. Consultado no dia 05/11/2023, às 16h.

FILHO; Hermilo Borba, Fisionomia e Espírito do Mamulengo, Companhia Editora Nacional, São Paulo

FONSECA, Manuel da (1978). Maltês; Poema completos. Lisboa: Forja.

FRANCISCO; Papa (2017). <https://www.papa2017.fatima.pt/pt/pages/papamovel>: Consultado em 17 de Novembro de 2023, às 17h.

HEIDEGGER, Martin (2018). A Origem da Obra de Arte, tradução de Maria da Conceição Costa. Lisboa: Edições 70.

JAPIASSÚ, Hilton; MARCONDES, Danilo (2008). Dicionário Básico de Filosofia. 5.ed. Rio de Janeiro: Zahar.

PALMA, Jorge (1991). Enquanto houver estrada para andar; In Só [vinil]. Lisboa: Valentim de Carvalho.

MATEUS, Maria do Nascimento Esteves (2011). Metodologia de trabalho de projeto: nova relação entre os saberes escolares e os saberes sociais. EDUSER: revista de educação, 3(2)

MCCORMICK, John (2002). A voz da marioneta; Teatro de Marionetas tradição e modernidade. Évora: Casa do Sul Editora

OLIVEIRA, Ernesto Veiga de (1995). Festividades Cíclicas em Portugal, Portugal de Perto. Lisboa: Publicações Dom Quixote.

PACHECO, José (2019). Aprender em Comunidade, aos 10:35m. <https://www.youtube.com/watch?v=NMNVc0Yz434&t=469s>

PESSOA; Fernando (2001). Pessoa Inédito. (Orientação, coordenação e prefácio de Teresa Rita Lopes). Lisboa: Livros Horizonte.

ROCHA, Rosa Margarida de Carvalho (2011). A pedagogia da tradição. Belo Horizonte: Paideia

ROTerdão, Erasmo de (1998). Elogio da Cultura; tradução de Álvaro Ribeiro. Lisboa: Guimarães Editora.

SANTOS; Sara (2020). Que tipos de associações existem?; Páginas Amarelas. <https://www.pai.pt/artigos/16-que-tipos-de-associacoes-existem> Consultado a 7 de Novembro de 2023.

SCIALOM, Melina (2021). Laboratório de Pesquisa: Metodologia de pesquisa corporalizada em artes cênicas; Revista Brasileira de Estudos da Presença. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

VASCONCELOS, Maria Emília (1980). Gigantones, Cabeçudos e Zabumbas. Tomo IV dos Cadernos Vianenses. Viana do Castelo: Câmara Municipal de Viana do Castelo.